

"O profissionalismo político destrói a independência que todo homem público deve ter"

Confessando-se de temperamento infenso à política prática, o deputado Raul Pilla revela que o seu espírito condiria melhor com a pesquisa e o pensamento puro — O autor da «Cartilha Parlamentarista», apaixonado pela engrenagem política, preferia às carreiras anteriores de fisiologista e jornalista — O defeito da imprensa brasileira é a ausência de preocupação ou compromissos doutrinários

Entrevista de MELO LIMA

(Especial para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

20. VIII. 1950

— SOU de temperamento infenso à política, ou, mais exatamente, à política prática. Meu temperamento condiria melhor com a pesquisa e o pensamento puro — confessou-nos o deputado Raul Pilla, presidente do Partido Libertador, autor de a «Cartilha Parlamentarista», professor catedrático de Fisiologia da Faculdade de Medicina, da Universidade do Rio Grande do Sul, fundador de dois grandes jornais gaúchos: — «Diário de Notícias» e o «Estado do Rio Grande» — e autor, ainda, de centenas de artigos políticos e de numerosos ensaios parlamentaristas, alguns dos quais traduzidos e publicados em diversos países. — Não posso dizer que tenha sido por gosto ou vocação que me encaminhei para a política.

O VERDADEIRO REGIME DEMOCRÁTICO REPRESENTATIVO

— Mas, ainda estudante — prossegue o sr. Raul Pilla — deixei-me penetrar da convicção de que numa democracia todo o cidadão tem o dever de ser ativo. Por outro lado, não me satisfazia a maneira como se praticava a política em nosso país. E os meus estudos históricos, ainda no curso secundário, me haviam levado à convicção de que o verdadeiro regime democrático representativo é o parlamentar. Imbuído dessa convicção dirigi-me naturalmente, pois nenhum laço de família me ligava aos partidos existentes, ao partido que tinha como ponto fundamental do seu programa a República Parlamentar. Era o tradicional e heróico Partido Federalista, fundado por Silveira Martins e que sobreviveu, primeiro à sangrenta revolução de 1893 e depois a um prolongado ostracismo num regime que, sem nenhum exagero, se podia chamar ditatorial. Era o regime «castilhistas» da Constituição de 14 de julho. Foi, assim, apaixonado pela engrenagem política, e sem que eu o procurasse, fui levado a ocupar cargos partidários e representativos.

A CONSCIÊNCIA DO DEVER CÍVICO

Em suma, o que levou o jovem Raul Pilla, naquêlo ano, à atividade política, quando pretendia ser um pesquisador e autor de livros reveladores de um pensamento baseado nas pesquisas filosófica e científica, não foi o gosto pela vida pública, mas uma acentuada consciência do dever cívico.



Raul Pilla

— Muito melhor me sinto eu na cátedra do magistério do que na cadeira do parlamento.

A LEVIANDADE NA CONSIDERAÇÃO DE ASSUNTOS VITAIS

Depois de nos dizer que nunca mais havia encontrado o tempo necessário para a carreira de escritor que gostaria de ser, o deputado gaúcho respondeu:

— É natural que sinta irritação, e às vezes mais do que irritação — uma indignação —, por vêr a leviandade com que certos deputados consideram assuntos que reputo de vital importância para o país. Devo confessar, porém, que aos poucos me vou habituando...

O POLÍTICO PROFISSIONAL

— Seria necessário começar por definir o que se entende por político profissional — disse-nos, com o seu jeito manso de professor de sabedoria — Se com esta expressão você quer dizer apenas uma especialização na atividade que, em maior ou menor grau deve ser comum a todos os cidadãos, eu sou e tenho sido um político profissional, já que à política dediquei a maior e a melhor parte da minha vida.

— Por político profissional, dr. Pilla, deve entender-se o que o sr. acabou de dizer e o que faz da política meio de vida...

— Neste sentido, não sou nem quero ser político profissional. Profissionalmente, sou professor e jornalista. Nenhum inconveniente haveria na políti-

ca profissional já que ela é consequência da especialização, se este profissionalismo não destruisse a independência moral e econômica que todo homem público deve ter.

OUVIR DISCURSOS ...

Sendo um homem culto, com o pensamento sempre voltado para o seu ideal parlamentarista, não acha desagradável perder o seu tempo ouvindo discursos medíocres?

— Realmente, não é agradável. Mas levo isso em conta do regime, que mediocriza as melhores representações. O número de homens de valor real na atual Câmara não é tão pequeno como se poderia crer, à primeira vista. Mas, por ela passam como sombras, porque o regime não favorece a inteligência. Uma das impressões mais penosas que se tem no Congresso resulta da consciência que se tem da própria impotência.

QUANDO SE SENTIU MAIS ÚTIL E QUANDO SE SENTIU MENOS ÚTIL

— A ocasião em que eu tive a impressão mais forte de estar procurando prestar um real serviço ao país foi, primeiro, na Constituinte, e, depois, no Congresso ordinário, quando apresentei e defendi a emenda parlamentarista.

— E o contrário disso?

— Foi por ocasião do aumento dos subsídios. Vi nesse ato um profundo golpe contra o prestígio das instituições representativas.

OS JORNALISTAS, INCOMODOS

— Não julgo inconvenientes os jornalistas — retruca-nos. — As vezes, podem ser incômodos, mas a função que desempenham corresponde à verdadeira necessidade do regime democrático.

— Isso, quanto aos jornalistas... E, agora, quanto aos jornais?...

— A meu ver, o maior defeito da imprensa brasileira é a ausência de preocupação ou compromisso doutrinários.

E, concluindo, o deputado Raul Pilla, revelou que, como médico e professor no Rio Grande do Sul, percebia mais do que como deputado.

— O mandato não me trouxe nenhuma vantagem de ordem material. Para ser completo, não posso dissimular que certos deputados sabem tirar grande proveito do seu mandato. Esta é, felizmente, exceção, e exceção muito restrita.